

LONGE DOS OLHOS

IVAN JAF



• 1 •

Visões

A primeira vez que Oto viu a menina por quem se apaixonou, ela estava sentada na amurada da praia da Urca, olhando para a baía da Guanabara. A garota vestia *jeans* e camiseta branca, sem mangas, e calçava sandálias de tiras finas, de couro cru. A brisa que vinha do mar jogava para trás o cabelo castanho-claro, todo cacheado, descobrindo um rosto muito branco e calmo, com traços perfeitos e uma boca de lábios grossos e vermelhos. Ela usava óculos escuros e balançava as pernas sobre as ondas fracas que cobriam as pedras, logo abaixo.

Oto não tinha de estar ali, naquele momento. Pela manhã estudava Letras, na universidade federal que ficava ali perto, na praia Vermelha, e nesse dia, depois das aulas, havia resolvido caminhar pelo calçadão da Urca, com o vago propósito de pensar na vida. A ideia era comer um sanduíche de queijo com salame, no último botequim da orla, sentado na amurada, e depois voltar caminhando para a universidade onde, à tarde, fazia um trabalho voluntário, ajudando deficientes físicos.

Quando ele estava retornando, viu a menina lá sentada, tão concentrada olhando a baía, que chegou a parar e encostar em uma árvore. Não foi só pela beleza dela. Oto estava len-

do uns livros malucos sobre os mistérios que existem por trás dos acasos, e sobre pessoas que a gente vê mas que não existem, que aparecem só para nós, a fim de nos mostrar ou nos dizer alguma coisa, e ficou impressionado de verdade com aquela menina ali, olhando o mar. Achou que ela nem existia.

Ele acabou sentando-se também na amurada, a uns trinta metros dela, folheando um livro, para disfarçar. Um iate maravilhoso passou bem perto. Ela nem mexeu a cabeça. Nada a distraía. Uma babá cruzou o calçadão, empurrando um carrinho de bebê com trigêmeos. A menina não se virou.

A única coisa que ela fazia além de olhar o mar era erguer o queixo, abrir as narinas e respirar profundamente, de tempos em tempos, e aí balançava as pernas e mexia os dedos do pé.

Oto acreditou que aquela visão era só para ele, que havia alguma mensagem ali, naquela menina. Qual?

Ele acabara de completar vinte anos. Era negro, forte, alto e tinha muita raiva quando o olhavam pela primeira vez porque, o que sempre acontecia então, simplesmente não viam quem ele era — automaticamente os cérebros procuravam enquadrá-lo em algum estereótipo. Se estivesse bem-vestido, podia ser visto como um esportista, um músico, um segurança, um chofer de uma família de milionários, um empregado mauricinho tentando puxar o saco dos patrões. Se estivesse malvestido, de bermudão, sem camisa, aí com certeza uma luz vermelha acendia dentro dos cérebros alheios avisando "perigo! perigo!", e já o viam como assaltante, traficante, os vidros dos carros começavam a se fechar.

E o que ele era? Se essa pergunta normalmente já era difícil para qualquer um responder, para um negro no Brasil vivia uma batalha diária, por dentro e por fora, e Oto precisou de duas armas: determinação e raiva.

O que ele era, ou pelo menos queria ser, ninguém imaginava no primeiro olhar. Não se encaixava nos estereótipos. Oto era um intelectual.

Nascido numa favela, batalhou para estudar e entrar numa universidade pública. Com vinte anos, já havia lido muitos livros. Havia passado em sexto lugar no vestibular. A gaveta de sua escrivaninha estava cheia de ensaios sobre preconceito racial, biografias de líderes negros revoltosos e contos-denúncia. Queria ser professor de Literatura e escritor. Se ainda usasse uns óculos de lentes grossas e fosse franzino, ou corcunda... mas, não. Oto era forte, bonito, enxergava muito bem, tinha o peito largo e impressionava as mulheres.

Determinação nunca lhe faltou. Trabalhou desde cedo, em todo tipo de bico mal pago que se possa imaginar, e estudou à noite. Raiva também não. A cada vez que sentiu na pele o preconceito, mesmo os mais velados, e até os inconscientes, uma dose de raiva foi acrescentada a uma raiva maior, enorme, que o fazia levantar de madrugada para escrever um conto, ou um manifesto, ou um poema, que depois ele precisava trancar na gaveta da escrivaninha, como um cachorro bravo.

Ela não tirava os olhos do mar.

Era quinta-feira, ele estava atrasado para o trabalho voluntário com os deficientes. Levantou da amurada e seguiu caminhando pela orla. Passou bem perto da menina. Ela nem o notou. Ele olhou o mar, por cima do ombro dela, tentando ver o que ela via, querendo levar com ele um pouco da visão dela, tentando desvendar o significado daquela cena.

Precisava também, desesperadamente, saber se aquela menina existia ou não.



• 2 •

Linha inexistente

Nos finais de semana Otto trabalhava num jornal de bairro em Santa Teresa, e promovia, para os moradores das favelas nas imediações, eventos culturais financiados por uma organização não governamental. Mas assistiu que a semana começou, na segunda-feira, repetiu a caminhada pela orla da praia da Urca, depois da aula.

A menina estava lá. No mesmo lugar. Vestindo quase a mesma roupa. De óculos escuros. Olhando fixamente o mar. E durante toda a semana ele a encontrou ali.

Conformara-se. Estava apaixonado. Pensava nela o tempo todo.

Sentou-se mais próximo dela, a menos de vinte metros. Ela nunca virava o rosto para o lado dele. Só respirava o ar puro do mar e mexia os dedos do pé. Ele pensou que talvez a menina fizesse alguma espécie de exercício de yoga ali, meditação, coisas desse tipo, e não quisesse ser importunada. Chegou a pensar também se ela não ficava com medo, um negro se aproximando assim, e por isso sempre fingia não vê-lo. Já havia acontecido com ele antes, paquerar uma menina e ela se assustar, pensar que era um assalto, e aquilo o deixara tão arrasado que ele agora tomava muito cuidado. Mas preci-

sava falar com ela. Tinha de chamar a atenção da menina de qualquer jeito. Então começou a fazer bolinhos.

Na terça-feira encobriu a meschila de livros, veio caminhando, parou bem perto dela, fingiu que precisava pegar alguma coisa na meschila e começou a tirar os livros e empilhá-los na areia. Fez isso a uns dez metros da menina. Ela não olhou para o lado, eles começaram a falar sobre livros, ele mostrava como era inteligente e culto... Não havia como ela não notar. Mas ela não notou. Ele guardou os livros de volta e foi embora, furioso.

Na quarta voltou. As ruas da cidade eram públicas e, assim como ela tinha o direito de passar as tardes sentada na amurada olhando o mar, ele também podia caminhar por ali todos os dias, e isso era até muito natural, já que estudava perto. Então comeu seu sanduíche de queijo com salame, e caminhou na direção dela disposto a cumprimentá-la, como um cidadão, como um vizinho, e sentar ao lado dela e confessar que a via ali todos os dias e gostaria de conhecê-la, se isso não a incomodasse, aí falaria de Byrnes e... Não teve coragem. Passou direto e continuou andando, se achando um idiota.

Na quinta teve uma ideia esapafurdia. Descobriu que em frente ao botecoqueto havia um pequeno cais, onde um sujeito de sunga vermelha com uma barriga imensa alugava caiaques. Alugou um por meia hora para poder passar remando em frente da menina. Se ela não olhava para os lados, ele entraria dentro do campo de visão dela. Fez isso. Passou remando o caiaque, de camisa social, sapato e calça branca, tão perto da amurada que teve de desviar de uma pedra e quase virou. Aproveitou o incidente para olhar a menina e tit, e chegou a levantar a mão esquerda para ela, querendo dizer que estava tudo bem, caso ela tivesse ficado preocupada. Ela não podia deixar de ter visto. Mas nem se mexeu. O queixo erguido. Ig-

borrou-o completamente e ele voltou, devolveu o capote, foi para seu trabalho voluntário se roendo de ódio.

Era um sujeito determinado mesmo. Não desistiu. Na sexta resolveu aplicar um método radical. Passaria a tarde toda lá, ao lado dela, dane-se. Ela ia ter de reparar nele, nem que fosse para sair correndo, ou chamar a polícia. Pensou durante toda a noite em uma desculpa para ficar sentado na amurada durante horas. Ler seria a melhor coisa a fazer, mas, depois da tentativa de terça-feira, achou que ela talvez não fosse uma pessoa interessada por livros. Fazer o quê? Então logo de manhã teve a ideia mais imbecil de todas. Pediu emprestada ao sobrinho uma vara de pescar há anos abandonada num canto do armário.

A menina estava lá, como sempre, olhando o mar. Deitou a menos de dez metros dela. Montou a vara, quem de encostar, abriu um pequeno isopor dentro do qual havia trazido pequenos pedaços de sardinha para isca e se preparou para lançar o anzol no mar.

Deixou tudo preparado. A chumbada sem arestas, para que não prendesse entre as pedras; os anzóis do tamanho ideal, já atados à linha; o molinete, amarrado à vara por uma bota preta bem apertada... Sentados na amurada, distantes um dos outros, alguns pescadores, concentrados, confirmavam não haver nada de estranho no que Oto estava fazendo.

Ele não tinha pressa. De vez em quando olhava para o lado, para ver se ela reparava nele. Não. Ela não tirava os olhos do mar. Oto fazia todos os movimentos com a lençola dos profissionais experientes. Pegou um livro da mochila, bem grosso, para ler enquanto pescava e mostrar para a menina que aquela história de pescaria era só um passatempo. No fim ficou de pé, deu três passos para trás, ergueu a vara de pesca, deixou a chumbada levar a linha para trás, e avançou

rápido, dois passos para a frente, sacudindo a vara com toda a força. A chumbada voou longe, muito longe. Ele ficou satisfeito, sentindo a linha sendo puxada, desenrolando rápida do molinete, e olhou para a menina, para saber se ela vira aquilo, aquele arremesso perfeito. Essa distração fez com que esbarrasse o dedo em alguma coisa, e o molinete travou de repente. A linha partiu. A chumbada mergulhou longe, solta, livre do carisco.

Uma emenda na linha velha, um nó malfeito... Continuou segurando a vara e olhando para o mar. A linha partira bem perto da ponta da vara. Mas ela era fina e transparente. Talvez, de longe, ninguém notasse. Não olhou mais para o lado. Se descobrisse a menina rindo da cara dele ia se atirar no mar e morrer. Ficou ali por um tempo, fingindo que pescava, suando frio, completamente ridículo, sem saber como sair daquela situação. Resolveu simular que recolhia a linha, e começou a dar voltas no molinete. Espiou a menina. Não, ela continuava olhando o mar. Se ele aparentasse enrolar a linha de volta, até o final, era capaz de sair daquela situação sem ninguém perceber.

Foi bem, até lembrar que a linha existente não faria aparecer a chumbada de volta. Teve de fingir que o anzol havia ficado preso entre as pedras. Puxou a vara para trás, contrariado, balançou-a com raiva, puxou com mais força e acabou recolhendo um resto de linha invisível, chateado por ter perdido chumbada, isca e anzol.

Sentia-se um completo idiota. Queria sair correndo. Não era possível que ela não tivesse visto aquele desastre. Mas havia jurado passar a tarde ali sentado. Desmontou a vara, abriu o livro e começou a ler, sem prestar atenção nenhuma no que as palavras diziam.

Passou mais de uma hora assim. As vezes a esparta lhe não olhava para os lados. Só não parecia uma estátua porque de vez em quando coçava o nariz, ou passava as mãos no cabelo, ou esfregava um pé no outro, ou mexia os dedos.

Ele não sabia mais o que fazer. Sentia-se péssimo, ridículo, sem a menor autoestima, absolutamente sem condições de ir lá e puzar conversa com ela.

Lá pelas quatro da tarde o problema se resolveu. Um carro preto parou próximo ao calçadão e buzinou. Ela foi até lá. Um homem ainda novo, de uns vinte e poucos anos, malandro, desceu do carro, abriu a porta para ela e foram embora. Entraram numa rua perpendicular à praia, sem saída, onde se havia mansões.

Oto ficou ainda um tempo olhando o mar. Tudo estava explicado. Ela era uma menina rica, na certa morava num daqueles casarões da Urca, e o chôfer da família a vinha trazer e buscar daquele passeio à praia.

E ele era um negro imbecil que havia feito papel de idiota, querendo se mostrar para uma branca que fez questão de ignorá-lo.

Foi embora para casa, com o coração cheio de raiva. O mundo era só feio.

Seu único consolo era o de ninguém ter sido testemunha daquela semana estúpida. Pelo menos a história podia morrer ali e pronto. Era só não voltar a caminhar pela praia da Urca.



• 3 •

Trabalho involuntário

Oto procurou não pensar mais no assunto, mas não conseguiu. Choveu durante todo o fim de semana, vários eventos em que ia participar foram cancelados, e ele foi obrigado a ficar na cama, com um livro aberto sobre a barriga, olhando para o teto, lembrando de tudo, cada vez com mais raiva.

Ele não tinha dúvidas. Ela o havia visto fazer todas aquelas coisas ridículas. Onde ele estava com a cabeça? E a reação dela fora a pior possível. Ignorou-o. Era a forma de preconceito mais detestável. Fazer com que ele nem existisse. Alguém ensinara àquela burguesinha elitista a não fazer nem contato visual com um negro.

Imaginou uma porção de cenas em que daria o troco, frases verdadeiras e profundas que a deixariam arrasada, criou diálogos inteiros em que a faria ver como era uma garotinha mimada e idiota que não sabia o que era a vida. Mas não fez nada. Não voltou à Urca, com medo de tornar a se comportar como um imbecil.

As aulas no curso de Letras o distraíram. Na quinta-feira, duas semanas depois do primeiro dia em que viu a menina, foi para o trabalho voluntário pensando muito nela. Continuava furioso, querendo escrever um conto sobre o que ha-

via acontecido, para ver se desengasgava. Entrou no grande salão, onde fora o antigo restaurante da universidade, e encontrou uma mesa ao fundo.

O local havia sido reformado para servir a uma ONG, que prestava assistência a deficientes físicos. Havia fonoaudiólogos, psicanalistas, fisioterapeutas, cabeleireiros, artistas plásticos, e vários outros profissionais, todos trabalhando de graça para a comunidade, atendendo inclusive pacientes do hospital psiquiátrico vizinho. Oto se comprometera a contar histórias, ler livros.

Outra pessoa também fazia isso. Um surfista de dezesseis anos chamado Leo. Os dois trabalhavam juntos e tinham ficado amigos.

Leo era alto, magro mas musculoso, tinha o cabelo curto, muito louro, olhos azuis bem claros, vivia de bermuda larga, camiseta e sandália de dedo. Usava um brinco na orelha esquerda, uma argola de prata, e cultivava um cavanhaque pontudo e desgrenhado.

Não se podia dizer que Leo era um intelectual. Suas leituras não passavam das revistas de histórias em quadrinhos, e ele se virava com um vocabulário de umas duzentas palavras, mas era uma das melhores pessoas que Oto já havia conhecido... divertido, um ótimo sujeito para encostar num balcão de bar, dar umas risadas e falar bobagem.

Naquela quinta-feira, porém, Oto não estava a fim de papo.

— Fala aí, meu irmão — disse, levantando o polegar, passando direto, sem parar.

— Beleza, brother — respondeu Leo.

O surfista estava numa das primeiras mesas, logo na entrada, duas grandes portas abertas que deixavam entrar o sol do começo da tarde.

Um massagista, no canto oposto, tratava a coluna de uma velha inválida, sentada numa cadeira de rodas.

Naquela tarde Oto lia um livro policial para um velhinho de muletas, que sempre chegava atrasado. Esticou-se na cadeira para descansar um pouco após o almoço e ficou olhando para a luz que vinha das portas abertas. Foi então que ela entrou.

Ele a reconheceu imediatamente, embora por um bom tempo só tivesse visto sua silhueta, recortada pela luz forte do sol de verão. Estava de braço dado com uma senhora.

As duas entraram e pararam. Olharam para os dois, ele e Leo, desocupados. Foram falar com Leo.

Oto ficou duro na cadeira, tentando entender aquilo. Mais um acaso? Novo presságio? O que a menina estava fazendo ali? Vinha pedir desculpa por tê-lo ignorado? Coincidência? Queria continuar se divertindo à sua custa? Não dava para entender. Mas uma coisa era certa: elas haviam feito como todos que chegavam ali pela primeira vez. Foram direto falar com Leo. O menino branco. O confiável.

No meio do caminho o celular da mulher tocou. Ela atendeu. As duas ficaram paradas no meio do salão.

Não havia dúvida. Eram muito parecidas. A senhora era a mãe da menina. Na certa a pobre garotinha, rica e mimada, tinha tido uma crise de consciência e resolvera fazer alguma coisa pelos outros. Devia estar querendo se oferecer para trabalhar ali, ajudar os deficientes. Menos mal.

Ou não. Ele ficou apavorado. Era isso. A mãe vinha tirar satisfações. O que um negro queria com sua filha? Por que a importunou durante toda a semana? Havia descoberto onde encontrá-lo. Já deviam ter dado parte na delegacia. Um sequestrador, talvez. O que ele ia dizer? Como ia explicar? Estava com a garganta seca; as pernas tremiam.

Ele via bem a mulher. Ela se vestia com muita elegância, um conjunto de linho cinza, com o cabelo perfeito e um perfume caro cujo cheiro chegava até ele. Só o colar de pérolas que brilhava em volta de seu pescoço pagaria todas as despesas daquela ONG por um bom tempo.

Ela desligou o celular, foi de braço dado com a filha ao Leo, puxou a cadeira para a filha sentar — era invisível mesmo —, deu um beijo rápido na testa da menina e foi embora, quase correndo, equilibrando-se no seu sapato de salto alto.

Oto mal conseguia respirar. Seu coração subia pela garganta. Leo balançava a cabeça negativamente. E então acenou e chamou Oto. Teve de ir. De enfrentar.

— Esse é o meu mano — disse Leo, sentando Oto em seu lugar.

Nesse momento chegou o velhinho de muletas, para quem Oto iria ler um livro policial.

— Deixa que eu falo com ele. Ele espera — e Leo se afastou.

Oto ficou frente a frente com a menina, sem conseguir dizer nada. Estava tentando pensar rápido numa desculpa para as bobagens que fizera, mas não conseguia encontrar nada que não promisse as crises.

Ele tinha certeza de que estava numa situação complicada. Talvez ela fosse filha de um delegado. Ou de um bandido que mandara apagá-lo. Algum chefe mafioso bem racista.

— Você é o Oto? — ela perguntou, afinal.

Ele quase disse que não conhecia Oto nenhum.

— Sou. Tudo bem?

— Eu queria falar com você...

Ele respirou fundo e resolveu abrir o jogo.

— Olha, eu agi como um idiota aquele dia... aqueles dias...

— O que foi?

— Eu não sou assim normalmente. Estudo letras aqui na faculdade, você pode perguntar.

— Eu sei.

Ela sabia de tudo. Ele estava perdido.

— Sinceramente... eu não costumo fazer isso!

— É, me disseram, mas o meu caso é diferente.

— Olha, como é o seu nome?

— Sílvia.

— Sílvia, eu vou ser franco, totalmente franco... quando eu vi você lá sentada...

— Onde?

— Na Urcia... de tarde...

— Ah, você me viu lá?

Aí ele ficou furioso. Ela não podia deixar de ter visto o que ele fez. A semana toda chamando a atenção dela. Teve vontade de gritar: PARA COM ISSO! EU NÃO SOU INVISÍVEL!

— Gosto de ficar sentada lá, de tarde, sentindo o mar — ela continuou.

— E eu te incomodei.

— Você? Não. Eu nem sabia que você estava lá.

— Por que você tá dizendo isso? — ele explodiu. — Se eu te assustei pode dizer. Não fiz por mal. É que eu também passo sempre por ali. Sei lá, me deu vontade de...

— Mas você não me incomodou não, claro que não. Eu nem me toquei.

— Olha, Sílvia, você pode fazer o que quiser a respeito, pode mandar me prender, me processar... mas não precisa ficar me dizendo que eu não existo! Eu até acenei pra você, daquele maldito caiaque! Faça o que quiser, mas não diga que não me viu.

— Não vi mesmo — ela sorriu.

